
BERTOLEZA: UM RETRATO DAS MULHERES MENOS FAVORECIDAS EM *O CORTIÇO*

Marciene Natália de Figueiredo Lemos da Costa¹

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo analisar a personagem Bertoleza, de **O cortiço**, ressaltando sua representação alegórica na obra, de acordo com o contexto social vivido no Brasil, na época em que o romance foi escrito. Partindo de uma pesquisa de dados históricos e sociais referentes às mulheres e às escravas no século XIX, discutiremos a dupla reificação da personagem, a fim de entendermos o retrato das mulheres menos favorecidas, intrínseco ao romance.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; ideologia; identidade; Teoria do Gênero.

INTRODUÇÃO

Encontramos em **O cortiço** uma alegoria do Brasil, mais especificamente, de seus problemas sociais, em finais do século XIX. Por meio da narrativa, vemos os personagens daquela época tipificados. É nessa alegoria e tipificação que nos ateremos para a escrita deste artigo. Buscaremos entender, através de fatos históricos da sociedade, da época relatada na obra e, algumas vezes, anteriores, a significação da personagem Bertoleza no romance.

As palavras de Antonio Candido, que citaremos a seguir, resumem a obra e ressaltam os principais pontos em torno dos quais desenvolveremos este artigo:

O Cortiço narra, com efeito, a ascensão do taverneiro português João Romão, começando pela exploração de uma escrava fugida que usou como amante e besta de carga, fingindo tê-la alforriado, e que se mata quando ele a vai devolver ao dono, pois, uma vez enriquecido, precisa liquidar os hábitos do passado para assumir as marcas da posição nova (CANDIDO, 2004, p. 108).

¹ Graduanda em Letras- Português-Inglês do UNIABEU. Membro integrante discente do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade do UNIABEU, sob a orientação do Dr. Anderson Figuerêdo Brandão.

O presente artigo propõe a análise da personagem Bertoleza, assim como sua representação na obra. Apresentaremos dados da história geral e brasileira que nos ajudarão a compreender a raiz do olhar do narrador de **O cortiço** sobre a personagem.

Por meio desta análise, almejamos dar voz a uma personagem muda, a fim de melhor compreendermos sua representatividade, não só na obra, como também em seu espaço na cultura brasileira.

Iniciaremos a análise através da compreensão da própria narrativa, com enfoque na origem do relacionamento de exploração de João Romão sobre Bertoleza e da subserviência da mesma a ele. Para tanto, pesquisaremos dados sobre o início da escravidão no Brasil, o tratamento destinado aos escravos de uma forma geral e as teorias eugênicas advindas da Europa no século XIX.

Apresentaremos ainda uma breve análise da profissão de Bertoleza: quitandeira. Assim, compreenderemos o importante papel da profissão da personagem para a cultura e sociedade brasileira.

Reiteraremos o objetivo deste artigo, ao fazermos uma leitura de Bertoleza, entrelaçada a fatores sociais e históricos, considerando a sua dupla reificação: como mulher e como escrava.

1. A SUBMISSÃO DE BERTOLEZA: ASSIM COMEÇA A HISTÓRIA

Descrita como ôcrioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade (AZEVEDO, 2011, p. 15), Bertoleza, morrendo seu homem, exaurido, após puxar sua carroça com pesada carga, continua o seu trabalho de quitandeira, trabalhando de sol a sol.

Já no primeiro capítulo de **O cortiço**, Aluísio Azevedo traça um perfil de Bertoleza, personagem que é um dos pilares, senão o pilar, da construção do Carapicus de João Romão, pois ela está ao seu lado desde o início, colaborando de todas as formas para o crescimento de seu patrimônio. Bertoleza, além de ajudar o amigo roubando materiais de construção, trabalhava na venda, cozinhava, limpava e fazia qualquer outro trabalho que dela fosse requerido.

João Romão, aproveitando-se das fraquezas de Bertoleza, adquiriu logo sua confiança, após a morte de seu marido, ao ponto da mesma entregar a ele todas as suas economias, que estava guardando para a compra de sua alforria. Ele, fazendo-se de amigo e fingindo estar compadecido com a situação da escrava, aconselhava-a, administrava-lhe toda a renda, ao ponto da mesma precisar procurá-lo e pedir a ele o que precisasse. Assim, logo estavam amigados, e Bertoleza seria para João Romão não só boa parte de sua carteira, como também um de seus braços, pois trabalhava ao lado de seu novo companheiro, incessantemente, sem aparentemente esperar nada em troca.

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a

sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (AZEVEDO, 2011, p. 18)

Mesmo com toda dedicação de Bertoleza, João Romão fingiu ter colaborado para a sua alforria, comprando-a de seu antigo dono. As verdadeiras intenções de João Romão foram encobertas por tamanho cinismo de seus atos, pois, embora pareça de fato compadecido com a causa da escrava, já tinha em mente os lucros que obteria com aquela relação. O português viu que, ao amigar-se com a negra brasileira, obteria mão de obra a custo de pouca comida, qualquer lugar para morar e ainda teria lucros imediatos, pois João Romão comprou com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas (AZEVEDO, 2011, p. 16), iniciando seu tão sonhado patrimônio. Para João Romão, Bertoleza ainda significava apenas uma escrava, e esta significação está presente em toda narrativa de **O cortiço**, na forma explícita ou implícita, do narrador se referir à Bertoleza. Vejamos um exemplo dessa significação no trecho a seguir: “Tanto assim, que um ano depois da **aquisição** da crioula [...]” (AZEVEDO, 2011, p. 18, grifo nosso). Como vimos, conforme o narrador disse **aquisição**, podemos subentender que Bertoleza significava para João Romão um objeto de seu uso ou um animal servil, coisas possíveis de ser adquiridas.

Uma vez que os personagens literários são, em sua maioria, construtos ideológicos, vemos na relação de Bertoleza e João Romão a representação alegórica da exploração do brasileiro pelos exploradores de fora. Embora português, e também tentando vencer inúmeros obstáculos e ganhar espaço no Brasil, eram várias as vantagens do explorador, português, branco, João Romão, sobre a escrava, mulher, negra e pobre, Bertoleza. “Aquilo que é condição de esmagamento para o brasileiro seria condição de realização para o explorador de fora, pois sempre a pobreza e a privação foram as melhores e mais seguras fontes de riqueza” (CANDIDO, 2004, p. 119).

As palavras de Antonio Candido, citadas acima, ilustram de forma clara o jogo de interesse e dominação que tinha em mente o explorador português, sobre o negro e o meio. O que simbolizaria, em todos os sentidos, a anulação de Bertoleza seria para João Romão o início de sua tão sonhada ascensão social. Ainda em palavras de Antonio Candido: “O português tem a força, a astúcia, a tradição. O brasileiro serve de inepto animal de carga.” (CANDIDO, 2004, p. 122). Portanto, João Romão, cinicamente, utilizou de toda essa astúcia e tradição para conseguir o que queria, enquanto Bertoleza, conforme subentendemos da narrativa, corresponde como o esperado de um animal dócil, facilmente dominado, não percebendo a maldade nos atos de João Romão. Portanto, não reagindo a eles.

2. REFLEXOS DAS TEORIAS EUGÊNICAS NA NARRATIVA DE O CORTIÇO

Bertoleza ÷[...] serve para surpreendermos o narrador em pleno racismo [...]ö (CANDIDO, 2004, p. 122), pois este expressa, na relação do português com a escrava, assim como em Rita Baiana e Jerônimo, a ideia do branco europeu como raça superior e a do negro brasileiro como raça inferior. Para o narrador, o envolvimento com pessoas da raça superior seria um meio de purificação, de ascensão da raça inferior.

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (AZEVEDO, 2011, p. 16).

De acordo com o narrador, Bertoleza aceita amigar-se com João Romão por instinto da raça inferior à qual pertencia, o que a leva a relacionar-se com homens de uma raça superior. Contudo, percebemos, no decorrer da narrativa, que Bertoleza pensava estar conquistando um marido, um companheiro. Todo cuidado e trabalho que dedicava a João Romão eram realizados como se com o personagem tivesse uma causa única, um pacto conjugal entre homem e mulher, como uma esposa que se dedica imensuravelmente ao seu esposo, por afeto e por ambos terem objetivos comuns.

Se prestarmos atenção ao contexto social vivido no Brasil na época em que o romance foi escrito, perceberemos que a narrativa de **O cortiço** é fundamentada pelas teorias eugênicas advindas da Europa do final do século XIX. Com grande influência no cenário brasileiro, é notório que essas teorias estigmatizaram, aqui no Brasil, pobres e negros como raças inferiores e brancos, ricos e imigrantes europeus, como raças superiores. Os intelectuais da época foram responsáveis por definir as raças através de conceitos científicos e biológicos.

[...] as teorias eugênicas serviram como principais motes para o desenvolvimento do chamado ÷racismo científicoö do século XIX. Em contraposição ao Brasil mestiço, a eugenia representava a vitória da ÷genética perfeitaö, da ÷raça perfeitaö, ou nas palavras do naturalista inglês Charles Darwin, principal teórico do evolucionismo e autor de a ÷A origem das espéciesö (1859), a ÷sobrevivência do mais aptoö. Esse processo de conversão de desigualdades sociais em dessemelhanças biológicas foi levado a cabo no Brasil ao longo do século oitocentista e contou com a participação de vários representantes das elites intelectuais que se incumbiam da missão de definir raça como conceito estritamente científico e biológico (SCHUMACHER; VITAL BRAZIL, 2007, pg. 194).

Sendo assim, a junção de Bertoleza e João Romão simbolizaria, de acordo com a alegoria do contexto social brasileiro relatado na obra, a tentativa de purificação da cafuza. Em outro momento da narrativa, semelhante processo ocorre com Rita Baiana. Dessa vez, a raça superior é representada por Jerônimo. Entretanto, tal purificação trazia consigo um paradoxo: seria a miscigenação algo definitivamente ruim ou a única possibilidade de ÷salvaçãoö para um país cujo território já era marcado por variedades raciais? Tal pergunta é respondida ao longo do tempo, onde, mesmo após a tentativa de branqueamento do Brasil, através das imigrações europeias, doutores de vários Estados do país não viram nas teorias eugênicas meios para construção de um país branco. A

partir de então, intelectuais como o advogado e literato Sílvio Romero, criaram terreno para as primeiras interpretações positivas sobre a mestiçagem (SCHUMAHER, VITAL BRAZIL, 2007, p. 195).

A mestiçagem então começou a ser reverenciada como singularidade positiva. A eugenia a meta inalcançável foi gradualmente substituída pelo enaltecimento da mistura racial como *pedigree* brasileiro. A figura mestiça, até então cânone da degenerescência, sofreu uma mudança de condição e passou a simbolizar a obra do futuro. (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 195).

3. ESCRAVOS: GENTE, BICHO OU COISA?

Através de Bertoleza, de seu trabalho e submissão descabida a João Romão, a narrativa demonstra claramente a visão que se tinha do negro, sobretudo dos escravos, na segunda metade do século XIX: total servidão ao branco. Os escravos eram relacionados diretamente ao trabalho, dos mais simples aos mais pesados; muitas vezes substituindo o animal de carga, a máquina. Desta forma, o tratamento dirigido aos escravos não era o de um trabalhador comum, digno, e sim, como se o escravo fosse a máquina humana, o bicho homem. Negava-se também que o escravo fosse dotado de qualquer inteligência, e que fossem capazes de responder por si.

É claro que o trabalho escravo, ou forçado, apenas se atenuou, entre nós, com o crescente uso daqueles animais nos engenhos, nas fazendas [...] no aleitamento de crianças e na alimentação de doentes [...] substituindo-se na última função a de fornecer leite às pessoas e mulheres pretas e pardas por vacas e cabras chamadas de leite, embora do próprio leite consumido pela população do Rio de Janeiro no meado do século XIX conste que era principalmente leite de escrava, isto é, de cabra mulher; e não de cabra-bicho ou de vaca (FREYRE, 2004, p. 622).

Vejamos, a seguir, um trecho da obra **O abolicionismo**, de Joaquim Nabuco, que muito bem exemplifica a real situação dos escravos no Brasil e o tratamento que a eles era destinado.

O escravo ainda é uma propriedade como qualquer outra, da qual o senhor dispõe como de um cavalo ou de um móvel. Nas cidades, em contato com as diversas influências civilizadoras, ele escapa de alguma forma àquela condição; mas no campo, isolado do mundo, longe da proteção do Estado, sem ser conhecido de nenhum dos agentes deste, tendo apenas o seu nome de batismo matriculado, quando o tem, no livro da Coletoria local, podendo ser fechado num calabouço durante meses [...] ou ser açoitado todos os dias pela menor falta, ou sem falta alguma; à mercê do temperamento e do caráter do senhor, que lhe dá de esmola a roupa e a alimentação que quer, sujeito a ser dado em penhor, a ser hipotecado, a ser vendido[...] (NABUCO, 2002, p. 43).

Trazidos ao Brasil, traficados em navios negreiros, retirados de suas tribos à força, como animais aprisionados, sem vontade, levados a lugares totalmente

desconhecidos, aos escravos era vislumbrado um futuro de servidão. Durante os mais de trezentos anos de escravidão, tratados como verdadeiras mercadorias vivas, ferramentas de trabalho, a mão de obra escrava estava presente em diversos setores da nossa sociedade: nas plantações de cana-de-açúcar, de café, nas casas grandes etc. É inegável que foi com o trabalho do escravo que boa parte do nosso país foi construída. Novamente, as palavras de Joaquim Nabuco, em **O abolicionismo**, ilustram a importância desse labor para nossa nação: “Suprima-se mentalmente essa raça e seu trabalho, e o Brasil não será, na sua maior parte, senão um território deserto” (NABUCO, 2002, p. 33).

Em **O cortiço**, um dos poucos registros de fala de Bertoleza revela que a própria tinha consciência da reificação em que, enquanto escrava, ela estava envolvida. Desta forma, o narrador naturaliza, através da fala da própria personagem, a condição de coisa, de objeto em que o escravo, e por que não, as mulheres negras e desfavorecidas, representavam para a maior parte da sociedade da época.

- Você agora não tem mais senhor! declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas. Agora está livre! Doravante o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis à peste do cego!
- Coitado! A gente se queixa é da sorte! Ele, como meu senhor, exigia o jornal, exigia o que era seu! (AZEVEDO, 2011, p. 17)

4. A QUINTANDEIRA DE ALUÍSIO AZEVEDO

Dentre os muitos trabalhos em que encontramos registro de mão de obra escrava, estava a profissão de Bertoleza: as quitadeiras. Encontramos, em Bertoleza, um perfil de mulher negra que é, para Schumacher e Vital Brazil (2007, p. 61), “uma das personagens anônimas mais retratadas durante os períodos da Colônia e do Império”, as quitadeiras. “Quitadeiras, vendadeiras e ou ganhadeiras” eram negras, forras ou escravas que, com seus tabuleiros, cestos, em pequenas vendas ou barracas, constituíam boa parte do comércio ambulante local.

As mulheres de origem africana estiveram presentes em pequenos comércios no Brasil desde a época colonial. Devido à divisão de trabalho baseada em uma relação do que era fundamentado na diferença de gênero, o comércio nas ruas era praticado, em sua maioria, por mulheres. Eram vários os itens vendidos pelas quitadeiras, dentre eles: frutas, verduras, legumes e doces em geral.

Muitas quitadeiras, assim como Bertoleza, conseguiam seu sustento e até mesmo contribuíam significativamente para renda de seus senhores. Muitas, mesmo ainda vivendo dentro do regime escravista, conseguiam, com o trabalho em ruas e mercados, angariar fundos para pagarem aos seus senhores e ainda guardavam uma quantia que contribuiria para sua própria alforria, ou de seus filhos e maridos. Outras, com muito trabalho, e após conseguirem sua alforria, alcançavam certa prosperidade financeira.

A presença das quitadeiras na história brasileira ecoa de norte ao sul do país, pois em todos os municípios têm feiras e em todos os dias. Muitos destes mercados guardam características da mais profunda africanidade no Brasil. Alguns dos grandes centros urbanos revelam e preservam em nomes de ruas chamadas Quitanda, a força e o ofício dessas mulheres (SCHUMACHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 65).

Através da vontade de liberdade dos escravos e do trabalho das quitadeiras, compreendemos a formação do primeiro grupo de poupadores da história brasileira. Há registros de que as primeiras poupanças foram abertas por quitadeiras, pois homens e mulheres escravos ganhavam o direito de terem suas contas poupanças.

Cronistas, historiadores e pintores renomados que relataram o cotidiano brasileiro nos seus primeiros quatro séculos de história, não deixaram de relatar, de alguma forma, a presença dessas mulheres no comércio das ruas. Dentre eles, encontramos o pintor francês Jean Baptiste Debret, que fez das ãnegras de tabuleiroõ figura constante em diversas de suas obras. Também encontramos, como herança do trabalho das quitadeiras, inúmeras ruas cujos nomes foram inspirados nelas e as feiras ao ar livre, ainda presentes e marcantes em vários estados do Brasil.

Gilberto Freyre, em **Sobrados e mucambos**, traz ao nosso conhecimento como muitas mulheres negras conseguiam uma espécie de especialização técnica e valorização de seu trabalho. São elas negras livres ou mulatas que, amigadas ou casadas com europeus operários ou mascates e após a morte de seus homens, õpassam a ser conhecidas pelo fato de terem sido companheiras e aprendizes de mestres afamados em várias especialidadesõ (FREYRE, 2004, p. 666). Certamente, havia muita exploração entre essas relações, muitos trabalhadores envolviam-se com elas e, após explorarem tanto seus corpos sexualmente, como seus trabalhos, as abandonavam, sem terem por elas nenhuma consideração. Ainda assim, muitas conseguiam êxito com essas relações e eram, de certa forma, correspondidas. Na mesma obra, conforme veremos a seguir, há registros de quituteiras renomadas que conseguiram certo renome após o envolvimento com trabalhadores europeus.

Mas nem todas as crioulas ou mulatas, casadas ou amigadas com estrangeiros, ficaram, por morte ou ausência deles, em situação de merecer pena ou piedade [...] já salientamos o fato de aparecerem nos anúncios de jornais da primeira metade do século XIX, figuras de viúvas de cozinheiros e pasteleiros europeus que se valiam dessa condição para se valorizarem como quituteiras requintadas (FREYRE, 2004, p. 666).

Embora representante de uma forte personagem do cenário brasileiro no século XIX, a quitadeira de Aluísio Azevedo representa também a exploração das mulheres das classes menos favorecidas, se é que podemos denominar como pertencente a uma classe as mulheres negras, marginalizadas, que viveram no Brasil, no final do século XIX.

5. A DUPLA REIFICAÇÃO DE BERTOLEZA

Bertoleza representa uma dupla reificação: mulher e escrava. Por ser mulher, já era esperada de Bertoleza a completa mudez, pois, desde os primórdios das sociedades ocidentais, e ainda mais forte durante todo o período do patriarcalismo, cuja influência emerge até os dias atuais, a mulher é colocada em posição subalterna ao homem, ocupando papel de ser dominado, para o qual não era dada voz nem vez. Para mulher é imposto ser delicada, frágil, educada para o lar, filhos e marido; representava para a sociedade o equilíbrio em um lar perfeito. Deveria ser

também exemplário de beleza, e coitadas das que não correspondiam aos padrões exigidos pela sociedade. Também é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo (FREYRE, 2004, p. 2007).

O Brasil, desde muito tempo influenciado diretamente pela cultura europeia, adota em terrenos brasileiros o mesmo tratamento destinado às mulheres de tal cultura. O saber surge nesse cenário como forte arma de dominação. Não é permitido, nem ensinado às mulheres expressarem sua opinião, muito menos tomarem decisões de forma independente. O saber é tido como algo contrário à mulher e, seguindo este pensamento, a educação que prioriza o saber geral das coisas, que promove a expansão e expressão de opiniões, é destinada apenas aos homens. Portanto, a detenção do saber fica estigmatizada como pertencente ao gênero masculino, e o conhecimento, assim, é monopolizado.

Michelle Perrot, no livro **Minha história das mulheres**, explica este interdito do saber às mulheres, cujas origens foram mostradas por Michèle Le Doeuff. As palavras de Michelle muito bem resumem e explicam o início do preconceito em relação às mulheres que, de certa forma, perpassa séculos e, volta e meia, é reproduzido de forma ainda forte e presente nas sociedades contemporâneas, ainda realidade de muitos países.

O saber é contrário a feminilidade. Como é sagrado, o saber é apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso (PERROT, 2013, p. 91).

Vemos acima uma das formas de dominação masculina, esta se dá através da grande arma que é a educação, sobretudo o saber. Sendo o saber algo sagrado e restrito a Deus e aos homens, para a mulher, este é tido como pecado, chegando a ser representado através do pecado de Eva que, seduzida pela curiosidade, e por querer saber, deixa-se levar e comete o maior pecado universal ao comer do fruto proibido. Perrot explica que, neste ponto de vista, levando em consideração a influência religiosa sobre o acesso ao saber às mulheres, a Reforma protestante representa um marco, rompendo com certas teorias e crenças. A Reforma protestante fez obrigatória a leitura da Bíblia por homens e também por mulheres, viabilizando assim a instrução às meninas.

Foram muitos os obstáculos enfrentados pelas mulheres no decorrer de sua história. Este trabalho ainda é pouco para descrevê-los. Em sociedades construídas e geridas por homens, é completamente sufocada, quando não ignorada, a colaboração feminina. No decorrer do século XIX afirma-se novamente que instrução é contrário à feminilidade: "feminilidade e saber se excluem" (PERROT, 2013, p. 93).

Michelle Perrot explica o pensamento da época sobre que tipo de educação deveria ser destinado às mulheres:

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência,

polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas. (PERROT, 2013, p. 93).

Percebemos, através dos dados trazidos até aqui, que tentaram restringir o saber a um gênero, como se assim sendo ficasse mais fácil manipular o outro. Talvez isto seja verdade por um lado, mas não se constitui regra, pois, embora muitas mulheres tenham suas ações neutralizadas por tamanha repressão, vivendo uma vida exatamente como se espera que elas vivam, há registros de mulheres que, com perseverança e inteligência, conseguiram driblar todo um sistema de opressão e dominação.

Se tudo o que discutimos sobre o panorama geral da história das mulheres, permeado de opressão e completo silêncio, refere-se, em sua maioria, às mulheres que pertenceram das médias às altas classes sociais, o que é possível dizer sobre as mulheres negras, as Bertolezas de nossa história? Estas, considerando apenas o seu lado mulher, sem considerar a questão da etnia, deviam manter-se caladas sempre, completamente submissas e facilmente manipuladas pelos homens.

Aqui convém lembrar que Bertoleza, logo que começou a envolver-se com João Romão, teve sua vida por ele administrada, como se não fosse capaz de geri-la por si mesma. O companheiro da escrava tomou as rédeas de tudo, do pouco que à escrava pertence.

No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. [...] Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: o Ativo e passivo de Bertolezaõ. E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio (AZEVEDO, 2011, p. 16).

Compreendemos, então, que a segunda face da dupla reificação de Bertoleza dá-se por ela ser escrava, e está completamente atrelada à primeira. Trazidas ao Brasil, como já mencionamos anteriormente, em navios negreiros, em condições sub-humanas, separadas brutalmente de suas famílias, pressionadas a esquecer de todo o seu passado, a cultura de seu povo, ao chegarem ao novo continente, eram novamente tratadas como verdadeiros animais, mercadorias vivas. Eram obrigadas a oferecer seus corpos para o bel-prazer de seus senhores, seja através do trabalho árduo ou da exploração sexual.

Conforme explicam Schumacher e Vital Brazil (2007), logo ao chegarem ao Brasil, em um dos primeiros contatos com a nova cultura, as escravizadas eram rebatizadas, tinham seus nomes mudados. Este era um dos meios de obrigá-las a esquecerem-se de suas reais identidades. Recebiam nomes cristãos. Surgiam, assim, muitas Evas e Marias, como se, ao receberem esses nomes, fossem automaticamente também convertidas à religião da nova pátria. Outras recebiam nomes referentes ao lugar onde viveriam.

Meses após de ter sido embarcada na cidade de Lagos, na costa ocidental da África, uma jovem que nascera num reino Fon, do Daomé, chegava a terras desconhecidas, onde foi obrigada a desembarcar na maior correria. Os homens da tripulação empurraram

inúmeros moleques e meninas para uma espécie de canoa conduzida por quatro garotos brancos. A africana fon segurou firme em uma corda e só assim conseguiu sobreviver e chegar à praia. Dali foi levada por oito homens negros armados. Seu nome ninguém perguntou. Eva, como seria batizada mais tarde, estava entre os cerca de 500 cativos de *Relâmpago* [...] (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 20).

O diário de bordo dos navios traziam anotações sobre as características físicas dos escravos. Sobre as mulheres, porém, há registros que demonstram que essas eram expostas ao olhar masculino, que avaliava a mercadoria antes de colocá-las a venda ou comprá-las.

Já Lúcia, de 11 anos, foi considerada oífeia, com três sinais abaixo dos olhos e outro na testa. No grupo das mocinhas entre 12 e 17 anos, havia Inocência, de cor bastante fula, com os oíseios apontando, uma cicatriz grossa e saliente traçando uma perpendicular entre as clavículas e o umbigo [...]. Inácia, por sua vez, era tida como bonita, com seus olhos vivos, peitos pequenos e o lado esquerdo do ventre e a mão direita bordados. (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 20).

No que se refere aos padrões de beleza da sociedade da época, negras e brancas constituem a dialética do feio e do belo, pois, conforme vemos acima, as mulheres negras eram avaliadas, tendo como padrão de beleza as mulheres brancas. Por meio dessa avaliação, a ignorância do avaliador imperava, pois, sem considerar as diferentes culturas e costumes, a população negra, de uma forma geral, era tida como feia. O costume de alguns grupos fazer escarificações na pele como símbolo de oífiliação a um determinado clã, a ligação com divindades por parte dos iniciados, correspondências curativas e protetoras, a profissão herdada pela linhagem paterna (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 35), era tido como algo feio, como um defeito.

O hábito de considerar a raça negra como feia, e desprestigiar seus usos e costumes, perpassa o início de nossa sociedade aos dias atuais. Tal prática é notoriamente encontrada na narrativa e personagem aqui analisados. Sempre que se refere à Bertoleza, o narrador a retrata de forma a mais pejorativa e degradante possível. Seus traços físicos e personalidade são ressaltados de forma negativa. Não obstante, ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre (AZEVEDO, 2011, p. 131).

A concepção de belo presente na narrativa é afirmada no relacionamento de João Romão e Bertoleza, pois, para superar o meio, João Romão não poderia se envolver com as Ritas Baianas, pois estas mulatas, cheias de beleza e feitiço, dominariam rapidamente o coração do português, neutralizando, assim, suas ações para superar o meio.

O brasileiro serve a ele de inepto animal de carga, e sua única vingança consiste em absorvê-lo passivamente pelo erotismo, que, já vimos, aparece como símbolo da sedução da terra. Para se livrar disso e poder realizar o seu projeto de enriquecimento e ascensão social, o português do tipo João Romão precisa despir

o sexo de qualquer atrativo, recusar o encanto das Ritas Baianas e ligar-se com a pobre Bertoleza, meio gente, meio bicho (CANDIDO, 2004, p. 122).

6. O SUICÍDIO DE BERTOLEZA

João Romão só cogita em por fim à intensa exploração da escrava quando se interessa por uma mulher rica, através da qual ascenderia socialmente. Desta forma, o português precisaria se livrar do seu passado negro, do estorvo que se tornara Bertoleza, após retirar dessa relação todo proveito possível.

A narrativa da negra Bertoleza tem seu desfecho com o trágico suicídio da escrava, após João Romão tentar se livrar dela, entregando-a aos seus verdadeiros donos.

A morte da escrava é alvo de algumas interpretações. Além de propiciar uma crítica ao frágil movimento abolicionista vigente na época representada na obra, ao se matar, Bertoleza estaria tomando, pela primeira vez na narrativa, uma atitude por si só. Encontramos aqui um registro precioso de ação independente de uma personagem que passa toda a narrativa sob a sombra de outra.

Segundo Nabuco: ão escravo brasileiro literalmente falando só tem de seu uma coisa ó a morteõ (NABUCO, 2002, p. 43). Ao suicidar-se, Bertoleza devolve a si o pertencimento da sua própria vida, pois, como escrava submissa que era, não era esperado que ela negasse aos seus donos a servidão que deveria, por direito, prestar a eles.

Jackson Ferreira, no texto **Dessa para melhor**, retrata o suicídio de vários escravos na Bahia do século XIX, trazendo à tona o motivo de alguns desses suicídios. Ferreira explica como podemos entender a ocorrência dessas mortes, descrevendo-as como um ãato de resistência individual que pode ser compreendido tanto como expressão de um conflito quanto de uma negociação entre senhores e escravosõ (FERREIRA, 2007).

Podemos analisar o suicídio de Bertoleza segundo o que foi trazido por Ferreira. Ao perceber a traição de João Romão, Bertoleza, decepcionada com seu companheiro, por já saber de seus planos de deixá-la à míngua e casar-se com outra, resolve não negociar mais com seus donos, talvez por saber que de nada adiantaria.

- É esta! - disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha! A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue (AZEVEDO, 2011, p. 267).

Bertoleza nega seu corpo à servidão, preferindo morrer a ter que voltar a servir aos seus verdadeiros donos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de uma personagem que não fala nos levou a tentar enxergar, nas entrelinhas, o seu discurso presumido, o significado de sua presença na obra. Certos de que tudo em literatura tem um porquê, ainda assim, nos surpreendemos com tamanha representatividade da humilde e negra Bertoleza em **O cortiço**.

Ao fazermos uma leitura do romance, considerando as alegorias do social contidas nele, foi possível ver quão marginalizadas e desprezadas eram as mulheres, em específico as negras e escravas, no século XIX. Ao revisitarmos o passado dessas mulheres, foi possível identificar a raiz de alguns preconceitos ainda tão presentes nas sociedades atuais.

Conforme explica Carreira: “A literatura naturalista contribuiu enormemente para o fortalecimento do estereótipo” (CARREIRA, 2004). Aluísio Azevedo, influenciado pela estética naturalista e através do narrador de **O cortiço**, nos ajudou a recompor o estereótipo que se tinha das mulheres menos favorecidas.

Por entendermos que as obras literárias são permeadas de conteúdos ideológicos e contêm, na maioria delas, reflexos de usos e costumes sociais, foi possível entender o papel de Bertoleza na obra.

A mudança por que passam Romão e seu cortiço é paralela às mudanças sentidas no país. Conforme mencionado, o Brasil, para se fazer moderno e civilizado, tornava-se um viveiro de obras, alterava a sua estrutura urbana, adquiria novos hábitos, rejeitando o seu passado colonial e imperial. A nação, reclamando uma higienização mental e corporal, afastava para os arrabaldes e morros as classes pobres. O mesmo ocorria no universo ficcional de Azevedo (1999). O português avarento se adapta aos novos tempos, modernizando-se. Romão não somente atualizava seus negócios e suas indumentárias, mas também negava seu passado - constantemente lembrado pela negra Bertoleza, a imagem viva do que ele fora. A escrava era vergonha que precisava ser eliminada, e por isso foi entregue a seus antigos donos. A escravidão era, do mesmo modo, a recordação ruim que manchava e embaraçava a jovem República brasileira (TAMANO *et al.*, 2011).

Compreendemos, assim, entre outros problemas sociais, que o narrador de *O cortiço* traz para o romance, o problema social que se tornara o negro no Brasil nas últimas décadas do século XIX. Em suma, Bertoleza representa esse problema, pois, assim como João Romão precisava se livrar de seu passado ao lado da negra Bertoleza para ascender socialmente, o Brasil precisava livrar-se do passado vergonhoso de escravidão no qual, por séculos, esteve envolvido.

BERTOLEZA: A PORTRAYAL OF DISADVANTAGED WOMEN IN *O CORTIÇO*

ABSTRACT

*This article aims at the analysis of Bertoleza, a character of **O cortiço**, emphasizing its allegorical representation in the work, according to the social context in Brazil at the time the novel was written. Starting from research on historical and social data referring to women and slaves in the nineteenth century, we are going to discuss the Bertoleza's double reification, in order to understand the portrayal of disadvantaged women intrinsic to the novel.*

Key-words: *Brazilian Literature; ideology; identity; Theory of Gender.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- FERREIRA, Jackson. Desta para melhor. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/desta-para-melhor>>. Acesso em: 24/abr. 2014.
- CARREIRA, S. S. G. O imigrante português no Brasil: figurações e configurações da identidade cultural. **Sincronía** (Guadalajara), v. Summer, p. 8, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. 15. ed. São Paulo: Global, 2004.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- SCHUMACHER, Shuma; VITAL BRASIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.
- TAMANO, Luana Tiekko Omena *et al.* O cientificismo das teorias raciais em *O cortiço* e *Canaã*. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, set. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000300009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702011000300009>.